

## A curricularização do ‘espetáculo’ na nova Base Nacional Comum Curricular

CECHINEL, André & MUELLER, Rafael Rodrigo. **Formação espetacular!:** educação em tempos de Base Nacional Comum Curricular. Salvador: EDUFBA, 2022. 209 p.

**A** obra *Formação espetacular!:* *educação em tempos de Base Nacional Comum Curricular* (2022), de André Cechinel e Rafael Rodrigo Mueller, reflete sobre o campo das políticas públicas de educação e os paradoxos alicerçados na própria Base Nacional Comum Curricular – BNCC do ensino médio, no sentido de que ela despreza a história orgânica na área e os processos socioculturais de reconhecimento humano; isso repercute na instabilidade e no declínio do ensino médio, em favor de uma espécie de espetacularização da formação, concebida pelo *modus operandi* da burguesia e por reformas educacionais.

Os autores do livro trabalham na área de Educação: André Cechinel é doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, com estágio na New York University – NYU, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Tradução da UFSC; já Rafael Rodrigo Mueller possui doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, com pós-doutorado realizado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico – PPGDS da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Ambos se interessam por temas caros à nova BNCC, tendo Rafael Rodrigo Mueller pesquisado sobre os conceitos de projeto de vida, competências socioemocionais, bem como os desafios e questões da sociedade do espetáculo. André Cechinel investiga os efeitos da nova BNCC no autocentramento do/a leitor/a, na medida em que posiciona a literatura num território de constantes deslocamentos e adaptações intermediáticas, num deslizamento contínuo que, inevitavelmente, produz consequências para o domínio da atenção e da percepção, contribuindo para uma espécie de déficit de atenção leitora.

O livro tem prefácio de Lucídio Bianchetti, seguido de uma introdução e duas grandes partes. A primeira está subdividida nos seguintes títulos: *Educação e Espetáculo*; *A educação como falso negativo*; *As protoformas do espetáculo*; *Excursão I – A violência da Metrópolis harmônica*; *Excursão II – Um brinquedo improfanável*. A segunda parte apresenta: *Competências*

*Socioemocionais e Formação Autofágica; Parcerias para o Novo Ensino Médio; Projetos de vida e sonhos diurnos; Competências terapêuticas para uma formação autofágica; Considerações finais: Gestão algorítmica da docência?; e Referências.* Trata-se de um livro com 209 páginas, de linguagem acessível e apoiada em dados científicos de organismos nacionais e internacionais.

A obra reflete, de um ponto de vista dialético-crítico, sobre o fato de que na sociedade do espetáculo e da transparência, a precarização da experiência e a incapacidade de introspecção, além da falta de distância, tornam a percepção ou a contemplação estética aniquiladas de sentido, dada a uniformidade da comunicação vazia e racionalizada pela uniformização dos comportamentos cotidianos, tendo em vista que trabalhar é preciso.

Os autores entendem, em *Um estrato social cor-de-rosa*, que sem um campo de batalha de leitura e interpretação – assim como o das *competências socioemocionais* da BNCC, do ornamento da massa em sua condição submissa e passiva – há a fabricação da alienação e as sensações de cansaço pelo trabalho incessante (dinâmica narcísica e autofágica do capitalismo, do excesso e da falta que se retroalimentam), estimulando os/as trabalhadores/as a recorrer ao império das imagens e “aos palácios da distração como forma de preencher o vazio do tempo produtivo” (CECHINEL & MUELLER, 2022, p. 58). Um exemplo disso consta no *Excursão I: A Violência da Metrópolis Harmônica*, referente às discussões sobre a onda de movimentos nacionalistas de extrema direita e a xenofobia como exposições esvaziadas de sentido humano, que impingem violência e poder em uma espécie de máscara social, produto do mero valor expositivo da mercadoria, que se apresentam historicamente em períodos de crise.

Acrescentam, na exposição sobre *A tríade formativa de J. H. Pestalozzi: individualizando para integrar*, que a tríade *coração, cabeça e mãos*, a partir das dimensões intelectual, física e moral do ato educativo (sentimento, intelecto e gosto) também orienta, para Pestalozzi, a dinâmica social e “as forças essenciais de nosso agir, que devem ser desenvolvidas e estimuladas integralmente com o intuito de incutir valores e responsabilidades ao outro, seja este *outro* a sociedade ou a nação” (CECHINEL & MUELLER, 2022, p. 79). No caso da reforma do ensino médio nacional (BRASIL, 2018):

A tríade formativa subjaz a essa proposta de formação para o indivíduo atomizado, expresso pelos itinerários formativos presentes na reforma, sendo um destes, inclusive, a formação técnica e profissional. Ou seja, nesse projeto, a ideia de que alguns, em termos de escolarização, irão acender até o ensino superior, enquanto outros se limitarão ao ensino médio profissionalizante, apresenta-se naturalizada, incorporada à própria lógica da formação educacional, além de fragmentar ainda mais uma estrutura educacional já fragilizada historicamente (CECHINEL & MUELLER, 2022, p. 91).

O *Excursão II – Um brinquedo improfanável* aborda o fato de sermos, desde a infância, capacitados a consumir, em conexão com o mundo adulto e o espetáculo contemporâneo. Diante de um mercado totalitário e difuso, as fronteiras das etapas do desenvolvimento

humano são frequentemente manipuladas, em favor de um jogo econômico cujas regras são ditadas pela circulação das mercadorias. *A brincadeira como profanação* retoma o poder que a brincadeira tem de efetuar pequenos desvios à própria lógica da mercadoria, instituindo um uso inesperado ou um esconderijo, que pressupõe o reencontro com o outro, subvertendo a esfera da economia. Já em *Câmara Mirim e o mundo adulto improfanável*, seguindo o argumento de Agamben, os autores reforçam a perspectiva de que há na infância uma descontinuidade, uma singularidade livre (da própria incompletude) e uma dimensão política que não se deixa capturar pelas forças homogeneizantes da reprodução da vida em comunidade, ameaçando a normatividade preconcebida. A abordagem das questões relacionadas à infância convida as crianças a imitarem os comportamentos e a linguagem daqueles que supostamente lideram a sociedade. No entanto, essa imitação não é uma forma de desregulação “política da infância”, mas sim uma “política-simulacro”, que se assemelha à “política-espetáculo” à qual os adultos estão acostumados a conviver. (CECHINEL & MUELLER, 2022, p.107).

Na *Parte II Competências Socioemocionais e Formação Autofágica*, os autores têm como ponto de partida o avanço da privatização da educação pública no Brasil e as *Parcerias para o novo Ensino Médio*, formalizadas pelo governo em 2017, aderindo à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE. Do ponto de vista cultural, esse acordo com a OCDE levou a uma série de recomendações e interferências em políticas públicas educacionais. A universalização radical do mercado, por sua vez, gera outro problema, explicitado pela tríade *trabalho, educação e qualificação profissional*, que é a preponderância da relação entre competências e habilidades em todos os níveis educacionais (formalização, convencionalização e ritualização), colocando em segundo plano – e até em crise – as expressões culturais.

Em seguida, é apresentada *A tríade MEC/OCDE/IAS* de 2014, quando o Ministério da Educação – MEC, juntamente com o Instituto Ayrton Senna – IAS promoveu o Fórum Internacional de Políticas Públicas: Educar para as Competências do Século XXI. Visando o desenvolvimento do mercado de trabalho e priorizando competências cognitivas e competências socioemocionais (para o progresso social), que são maleáveis, a educação torna-se o objeto de políticas públicas e serve “como forma de combater desigualdades centradas apenas nos indivíduos, mas distantes da lógica mercantil-empresarial” (CECHINEL & MUELLER, 2022, p. 120). Os autores deixam transparecer o desafio educativo na crítica à sociedade mercadológica, em sua história de interferências educacionais, através de uma série de dados das tendências mundiais.

A ideia da “formação e [...] desenvolvimento humano global” em uma educação integral, por meio “da não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva (BRASIL, 2018, p. 14), ocorreu justamente com a institucionalização da BNCC no Brasil, no final de 2017. Entre suas principais premissas, os autores destacam *Os impactos*

da tríade sobre a BNCC, amparados na Lei n. 9394/1996 (BRASIL, 1996), concluindo que o Novo Ensino Médio brasileiro apresenta profundas contradições em sua estrutura de esvaziamento curricular, reconhecendo apenas a matemática e a língua portuguesa como disciplinas, e pensando a escola como se fosse uma empresa articulada com as políticas do Banco Mundial e de organismos internacionais.

No capítulo intitulado *Projetos de vida e sonhos diurnos*, os autores tratam da diversidade cultural e da imprevisibilidade do contexto da cultura digital, sob uma vigilância permanente; assim, o projeto de vida passa a ser autonomizado no campo da educação, numa rede de (hiper)comunicação que assegura, ilusoriamente, a sujeitos/as do *panóptico digital* a formação espetacular (de vínculo produtivo) de *estar em total liberdade* (HAN, 2017). Cechinel e Mueller defendem, assim, um argumento que soa paradoxal: “a tese de que o discurso recorrente sobre projeto de vida, tal como formulado por documentos oficiais como a BNCC de 2018 e seus corolários, nada mais significa, na verdade, do que a neutralização da própria ideia de projeto de vida em seu sentido mais enfático e imprevisivo” (CECHINEL & MUELLER, 2022, p. 139).

Em vista disso, em *Projeto de vida como abertura formativa* é focado o projetar-se humano inconcluso, na faculdade de criar novas condições de existência com outros/as, estabelecidas por relações apreendidas em combinações da vida em sociedade. Imaginar o que falta do processo formativo, da relação instituída do *passivo-formativo*, questionando a proposta de um sujeito empresarial (com olhos do mundo produtivo), bem como a sociedade do espetáculo, é o que anima as reflexões do trabalho realizado pelos autores.

Cabe ressaltar ainda que o *Projeto de vida como terapia conformadora*, na sociedade do espetáculo, não é formador da noção de *comunidade* ou alteridade (um nós político, comum e universal), mas de agrupamentos de diversos *egos* isolados em ilhas, que perseguem um interesse momentâneo de comunicação e comércio, uma marca de composição aditiva, uma ideologia partidária, degradada e operacionalizada na funcionalidade do processo de produção (HAN, 2017). Tudo indica que a instabilidade existencial e a crise econômica, somadas a uma cultura do *déficit* de atenção, da flexibilização e da plasticidade dos/das sujeitos/as convergem para delinear a “faceta mais perene do neoliberalismo, uma dimensão destrutiva que, longe de ser enfrentada ou questionada em sua esfera estruturante, só pode ser amenizada a partir de competências psicologizantes e neutralizadoras da insatisfação individual e/ou coletiva” (CECHINEL & MUELLER, 2022, p. 150).

O paradoxo estruturante também é apresentado no capítulo *Competências terapêuticas para uma formação autofágica*: de um lado, “o sujeito é incentivado a colocar-se como centro absoluto de suas escolhas e, de outro, esse mesmo autocentramento parece fadado a desmaterializar-se diante de indeterminações das mais diversas ordens – econômicas, sociais, ambientais” (CECHINEL & MUELLER, 2022, p. 161). Há, em seguida, a explanação acerca da “*Ontologia empresarial*” e *autofagia*, que busca reconciliar esse paradoxo atualizado na BNCC com o mundo, numa formação terapêutica, positivadora, natural e naturalizante

das crises e impasses previamente apresentados. Nessa conjuntura, os autores consideram a espetacularização como um sintoma relacionado à dinâmica da sociedade e dos processos de ensino cotidianos negativo-positivados, e bons em si, pelas lentes da representação e autogestão de si – que são abordados no tópico *Educação como orientação socioemocional*. Contudo, no contexto da educação hoje, a recorrência das competências socioemocionais “revela o instante em que a ideia de formação cede gradativamente o seu espaço crítico para um elemento terapêutico reintegrador oriundo do próprio coração da sociedade do espetáculo e de suas dinâmicas de produção e consumo” (CECHINEL & MUELLER, 2022, p. 179).

Nas *Considerações finais: gestão algorítmica da docência?* são apresentadas as condições das instituições escolares e da docência como territórios férteis para os algoritmos, no purgatório do espetáculo, preservando, assim, a inconsciência na prática cotidiana em prol do avanço da gestão algorítmica da existência.

A leitura da obra é imprescindível para compreender as reformas do ensino médio, suas dimensões sociais, políticas, educacionais e da cultura digital; os resultados sinalizam uma sociedade da universalização do mercado, que espetaculariza tanto o/a estudante quanto a comunidade em um regime de domesticação, em parte porque as reformas são recebidas como *boas e naturalmente dadas*, para serem administradas nas escolas. Há um horizonte positivo da transparência cultural de exposição do mesmo, do habitual e das polarizações, dando visibilidade uniforme ao mundo; por outro lado, há o deslocamento dos debates públicos de suas condições de inteligibilidade, no sentido de ofuscar os processos contraditórios das diferenças socioculturais. No entanto, é necessário compreender as dinâmicas da sociedade positiva que vêm nutrindo pseudonecessidades econômicas, instabilidades culturais, sociais e simbólicas, por meio de imagens pulverizadas e mensagens consumidas na relação espetacular das representações humanas. A rigor, se o *modus operandi* da formação espetacular é também o *modus vivendi* da sociedade neoliberal, repercutindo na esterilidade do debate e na alienação, então, é fundamental a tarefa educacional através da revolução cultural, que transcenda a alienação para sua realização, como forma de restabelecer os elos expressivos de valorização das diferenças, reativando os sentidos expropriados de experiência com os dispositivos vigentes.

*Recebido em: 22/09/2022; Aprovado em: 15/02/2023.*

 **ELAINE CONTE**

Universidade La Salle, Canoas- RS, Brasil.

 **AMARILDO LUIZ TREVISAN**

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria- RS, Brasil.

## Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Senado Federal, 2018.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.